

QUEREMOS SABER O QUE ANDAM A ESTUDAR!



## MOMENTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL NA AZULEJARIA BARROCA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DO PASSADO

**Teresa Verão**

CHAIA/UE; CIEBA/FBA/UL

[tese de doutoramento]

### RESUMO

As representações da história de Portugal na azulejaria barroca encontram-se em igrejas, casas religiosas e espaços civis, de norte a sul do país. Os conjuntos narrativos estudados traduzem, em suporte visual, um determinado entendimento da história, privilegiando personagens, eventos e momentos marcantes.

É na produção historiográfica que vamos encontrar as fontes escritas que nos permitem ler os programas azulejares. Frequentemente, são utilizadas crónicas referentes às casas religiosas, ou obras hagiográficas, para compor as narrativas. A história humana segue o plano maior desenhado por Deus. De acordo com esta concepção, os grandes momentos da história de Portugal também assim são determinados. Assim sendo, a criação do reino de Portugal obedece a um desígnio predeterminado, que condiciona o presente e se cumprirá no futuro, tal como será tão eloquentemente explorado pela oratória barroca.

Os grandes mitos da história de Portugal vão sendo construídos sobretudo ao longo da época moderna, com destaque para as obras historiográficas dos monges de Alcobaça no início do século XVII. Aqueles não vão ser questionados pela produção da Academia Real de História, criada em 1720 por impulso de D. João V. O monarca vai interessar-se pelo desenvolvimento dos trabalhos, concedendo privilégios à Academia, que, de alguma forma, se torna veículo do poder real.

Apesar dos académicos mostrarem uma preocupação com a exactidão dos acontecimentos e com a procura e inventário aturado das fontes, a concepção providencialista da história permanece sem modificações. Os mitos essenciais ligados às principais figuras históricas mantêm-se inalterados ao longo do século XVIII e são expressos plasticamente nas paredes de templos, claustros e sacristias.

Os eventos em que participou D. Afonso Henriques são os que surgem com maior frequência na azulejaria, com destaque para o Milagre de Ourique, que vamos encontrar na Basílica de Castro Verde, onde se procede a uma grande intervenção por iniciativa da Coroa na segunda década do século XVIII.

Também de iniciativa régia, é a renovação da Capela da Rainha Santa em Estremoz, cujo término, cerca de 1715, coincide com a integração no padroado régio, sendo dotada de receitas próprias. Relembrando os feitos e virtudes de antepassados ilustres, a Casa de Bragança afiança a sua legitimidade linhagística e reafirma as bases do seu poder. Assim sendo, a associação aos intuídos do poder político é essencial para a leitura correcta das narrativas.

Nas grandes casas monásticas, como o Mosteiro de Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra, o Mosteiro de São Vicente de Fora ou o Mosteiro de São João de Tarouca, o que se procura é relembrar a história dos seus primórdios e a contribuição para a criação do reino de Portugal. Baseiam-se, para isso, nos relatos e crónicas escritos essencialmente por membros das suas congregações. Todos têm em comum a vontade de afirmação das suas casas, destacando a actuação de religiosos de relevo em prol da monarquia que, sem eles, não teria alcançado o mesmo sucesso e glória.

A sermonária tem um papel fundamental na transmissão desta ideia de história e no modo como os programas são construídos. Na Capela de Nossa Senhora da Orada, em Sousel, encontramos um claro exemplo disso. Os diversos episódios relativos à vitória de D. Nuno Álvares Pereira na batalha dos Atoleiros, são acompanhados por versículos da Bíblia que se referem ao povo de Israel. Ora, a libertação do povo de Israel era um tema comum na sermonária, utilizado como analogia para referir a sujeição do reino de Portugal a Espanha.

Os eventos da história contemporânea, ainda que menos frequentes, também não estão esquecidos. Entre estes, podemos apontar o programa da igreja do Convento de Nossa Senhora da Quietação, que narra as peripécias porque passou esta comunidade de freiras flamengas até se instalar em Lisboa e diversos casos que perpetuam a terrível tragédia de 1755, dispostos em templos de Lisboa como a Capela de Nossa Senhora da Glória na Graça e a Capela de Nossa Senhora dos Navegantes. Um caso curioso e isolado é o do incidente do roubo da custódia no Senhor Roubado, perpetuado em monumento construído para o efeito, na zona de Loures.

Ao percorrermos alguns dos conjuntos históricos mais significativos, pretendemos mostrar quais os temas e personagens mais frequentemente representados, como as narrativas das suas vidas e eventos se plasmam em programas narrativos azulejares, e, também, propor uma abordagem interdisciplinar, com cruzamentos inevitáveis com a história política, historiografia, produção literária, apologética e parenética.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Azulejo; Barroco; Historiografia; Cronística

## **NOTA BIOGRÁFICA**

É doutoranda de História da Arte na Universidade de Évora, desenvolvendo a sua tese no âmbito da azulejaria barroca com o tema *“Uma História contada em imagens: A Narrativa histórica na azulejaria”*. É mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e licenciou-se em História – Ramo do Património Cultural na Universidade de Évora.